

A vibrante em coda no Português Europeu¹

Maria Helena Mira Mateus

FLUL e ILTEC

Celeste Rodrigues

FLUL e CLUL

Coda may not have place features

Yip, 1991:62

1. Introdução

A sílaba que ocorre com mais frequência nas línguas do mundo é a sílaba aberta, CV, por essa razão denominada ‘sílabas canónicas’, que possui uma consoante em **ataque** e uma vogal como núcleo da **rima**. No entanto, um grande número de línguas no qual se inclui o português possui sílabas que integram, à direita do **núcleo** silábico, um outro constituinte, a **coda**, que permite a silabificação de consoantes dando origem a uma sílaba de rima ramificada.

Sendo a coda o constituinte mais frágil e mais sujeito a restrições, a consoante que o preenche, quando se encontra em final de palavra, sofre a acção de processos específicos como a *ressilabificação* em ataque de sílaba e a *supressão*. A análise dos processos a que estão sujeitas as consoantes em coda permite pôr a hipótese de que se trata de segmentos cuja representação de base é *subespecificada* em alguns traços, nomeadamente no traço de ponto de articulação. Esta hipótese e a análise das consoantes em coda nas línguas do mundo permitem afirmar que estas consoantes só podem ter ponto de articulação *coronal* e, portanto, este traço não precisa de ser especificado². Além disso, as consoantes coronais em coda são [+anteriores].

As consoantes que podem ocorrer em coda no português europeu (adiante, PE) são as líquidas /r/ e /l/ e a fricativa /s/, todas coronais, como se exemplifica nos segmentos finais das palavras *mar*, *sal*, *livros*. A fricativa em coda pode ser também subespecificada quanto ao traço de vozeamento, dado que a sua especificação como [-] ou [+] vozeada decorre do valor desse traço na consoante que se lhe segue. Além disso, em português europeu e em alguns dialectos do português brasileiro (adiante, PB), aplica-se também nesta consoante uma regra específica que a torna [-anterior], ou seja, [ʃ] (ou [ʒ] se a consoante seguinte for vozeada). Vejam-se os exemplos seguintes.

(1)	tasca	[táʃkə]	fisga	[fɨʒgə]
	casas claras	[kázɐʃ kláɾɐʃ]	casas bonitas	[kázɐʒ bunítɐʃ]

¹ Com a colaboração de Celeste Ramilo, Eva Arim, Tiago Freitas e Francisco Costa - ILTEC.

² Cf. a seguinte afirmação de Lardil: “A coda consonant has only Coronal place or else no place specification of its own at all” (Lardil *apud* Sherrard, 1997: 54).

A lateral /l/ em coda em português europeu apresenta a realização fonética velarizada [ɫ], independentemente da qualidade da vogal que a precede, como se exemplifica a seguir:

(2) mal [máɫ]; papel [pəpéɫ]; farol [fəroɫ]; funil [funíɫ]

A velarização do /l/ dá-se pela aplicação de uma regra que cria um ponto de articulação secundário, passando a consoante a possuir o ponto de articulação primário (coronal [+anterior], especificado por defeito) e o secundário (dorsal [+recuado] e altura [+alto]). Tendo em conta que em português do Brasil a lateral em coda se actualiza como glide fonética [+recuada] (*mal* [máw], *papel* [pəpéw]), pode considerar-se que a velarização do /l/ representa uma parte do processo de glidização da consoante, que em PB deixa de estar em coda e, como glide, se integra no núcleo ‘comprimindo’ a sílaba³. Havendo glidização, a sílaba deixa de ter coda tornando-se, assim, uma sílaba aberta com núcleo ramificado.

O segmento /r/ é o terceiro segmento que em português pode ocupar a posição de coda. Dele trata a secção seguinte deste artigo.

2. A vibrante em coda⁴

As alternâncias da vibrante, /r/, em posição de coda são frequentes em muitas línguas incluindo nas variedades europeia e brasileira do português. Em PE é habitual identificar apenas, no nível fonético, a vibrante coronal em coda, enquanto em PB ela pode ser especificada não só como coronal ([r]), mas também como vibrante uvular ([ʀ]) e fricativa velar não-vozeada ([x])⁵. Vejam-se alguns exemplos em (3):

(3) (a) PE	(b) PB
par [pár]	[pár]/[páʀ]/[páx]
ser [sér]	[sér]/[séʀ]/[séx]
cor [kór]	[kór]/[kóʀ]/[kóx]
parte [pár]te	[pár]te/[páʀ]te/[páx]te
curta [kúr]ta	[kúr]ta/[kúʀ]ta/[kúx]to

A realização fonética da vibrante em coda como [r] em PE e PB resulta da aplicação da regra ‘de defeito’ que especifica o ponto de articulação desta consoante como coronal [+anterior]⁶. As outras realizações que ocorrem no português do Brasil ([ʀ] e [x]) não resultam da aplicação desta regra de defeito visto que são dorsais

³ Ver sobre este problema Freitas, 1997 que refere a silabificação da lateral no Núcleo em português europeu, e Callou, Leite e Moraes, 1998 e Mateus e Andrade, 2000: 140-141.

⁴ As características articulatórias das realizações de /r/ no português actual não justificam o termo ‘vibrante’ que tradicionalmente se usa para denominar esta classe de consoantes. A utilização que dele fazemos é convencional e destina-se a facilitar o entendimento das questões discutidas no presente artigo.

⁵ As alternâncias da vibrante no português do Brasil estão descritas em Callou & Leite, 1990:72-76.

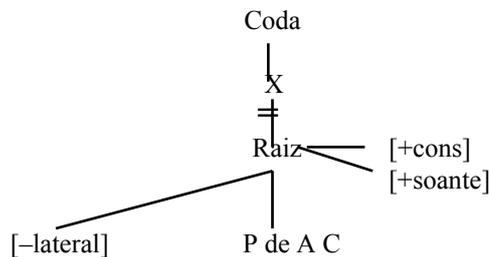
⁶ Ver em 1. o que se diz sobre o ponto de articulação das consoantes em coda.

[+recuadas]⁷. A sua realização fonética decorre da aplicação de regras específicas do PB: [ʀ] implica a associação do ponto de articulação da consoante ao nó dorsal de que depende o traço [+recuado]; [x] implica, além desta associação, a alteração de especificação do traço soante, já que o segmento deixa de ser [+soante]. Em PB o /r/ em coda pode também ser realizado como [h], perdendo o traço [+consonântico] e, portanto, a especificação do seu ponto de articulação.

À semelhança do que acontece com a fricativa final de palavra, o /r/ no mesmo contexto pode ser ressilabificado em ataque de sílaba se a seguir houver uma palavra iniciada por vogal, ocupando a consoante a posição vazia do ataque silábico (p.ex. *mulher amada* [mu.ʎé.rɐ.má.dɐ], *beber água* [bɨ.bé.rá.gwɐ]).

Por fim, a vibrante em coda pode ser totalmente suprimida, facto muito frequente em PB e já identificado também em PE⁸. Neste caso, e tal como está representado em (4), a linha de associação que liga a raiz segmental da vibrante à fiada do esqueleto é cortada.

(4) Regra de supressão de /r/ em coda



Na secção seguinte apresentam-se resultados de dois estudos da frequência de supressão do /r/ em coda no português europeu. Esta supressão, que se verifica em final de palavra sobretudo quando a palavra seguinte se inicia por consoante, não depende só de factores sociolinguísticos como de começo se supôs⁹. Mesmo no português brasileiro, em que a supressão desde há muito foi identificada, ela não caracteriza um sociolecto, mas é sensível a factores de carácter estritamente linguístico¹⁰.

⁷ Sobre estas realizações, ver Mateus e Andrade, 2000: 138-140.

⁸ Cf. Rodrigues 2001

⁹ Sobre esta questão, ver Rodrigues, 2001: 3.3.3.2 e 4.4.

¹⁰:Veja-se a seguinte citação de Callou, Leite e Moraes, 2002: “De início, esse cancelamento estava associado à estratificação social e até mesmo racial. Nos autos de Gil Vicente (século XVI) era apresentado como característica da fala de escravos vindos da África. Hoje, a julgar pelas análises já empreendidas, a queda do /r/ transpôs qualquer estratificação social e se estendeu a todos os indivíduos falantes do português brasileiro”.

3. Presença *versus* supressão do /r/ em final de palavra no *Corpus REDIP*

Em PE a actual a apócope do /r/ ocorre preferencialmente em determinados contextos segmentais. O estudo aqui apresentado analisa essa supressão, a título de amostra, em dois tipos de *corpora*:

- (a) um *corpus* extraído do material do projecto REDIP¹¹ e
- (b) um *corpus* de fala espontânea de falantes nativos de Lisboa e de Braga (CPE-Var).

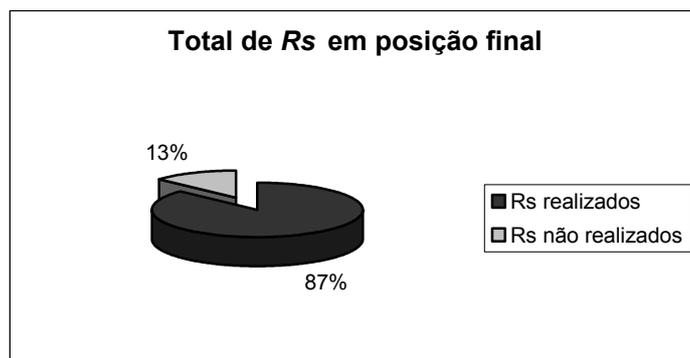
O projecto REDIP teve como objectivo analisar o português usado em três meios de comunicação social: rádio, televisão e imprensa. Para tal, foi constituído um *corpus* de língua oral e escrita a partir de amostras diversificadas desses meios de comunicação. As recolhas efectuadas em cada meio de comunicação foram divididas por seis temas: actualidade (noticiários), ciência, cultura, desporto, economia e opinião, correspondendo a cada tema um conjunto de 18.000 palavras, num total de 324.000 (108.000 por meio de comunicação e 54.000 por tema). Consideraram-se três tipos de texto: monólogo, diálogo e conversa com várias pessoas.

O *corpus* para elaboração do presente estudo, extraído do *corpus* REDIP, consiste em quatro programas distribuídos por dois meios de comunicação (rádio e televisão) e por dois temas (desporto e opinião):¹². Neste *corpus* foram encontradas 2328 palavras terminadas em /r/. No discurso oral, esta consoante nem sempre é foneticamente realizada pelos falantes. No Quadro 1. estão indicadas as percentagens de realização e não realização do /r/ final na totalidade das palavras.

¹¹ O REDIP foi um projecto de investigação desenvolvido no ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional), em cooperação com o CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e com a Universidade Aberta. O projecto foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Programa Lusitânia.

¹² Toda a análise do corpus REDIP foi realizada pelos seguintes investigadores do projecto: Celeste Ramilo, Eva Arim, Tiago Freitas e Francisco Costa.

Quadro 1.



Pondo-se a hipótese de que a supressão do /r/ em coda final de palavra poderia ser sensível a factores de carácter morfológico, foram contados os nomes e os verbos (N+V) existentes no *corpus* – 1979¹³. Neste total, distinguiram-se os dados da rádio e da televisão. Foram contados os nomes e verbos, em conjunto e separadamente. Foi ainda calculada a respectiva percentagem.

Relativamente à manutenção ou supressão do /r/ final nas duas classes de palavras, veja-se o Quadro 2. em que estão apresentados os números absolutos e as percentagens.

Quadro 2

Total de N+V com /r/ realizado	1742	88% (de 1979)
Total de N+V com /r/ não realizado	237	12% (de 1979)
Total de N com /r/ realizado	518	88% (de 588)
Total de N com /r/ não realizado	70	12% (de 588)
Total de V com /r/ realizado	1224	88% (de 1391)
Total de V com /r/ não realizado	167	12% (de 1391)

Curiosamente, as percentagens são idênticas quer se considerem os nomes, quer os verbos. Observa-se, no entanto, uma diferença quando se consideram separadamente os dois meios de comunicação, tal como se apresenta no quadro seguinte.

¹³ Não foram contabilizadas nesta parte da análise as palavras que terminam em /r/ mas não são nomes nem verbos, como por exemplo *quer, por, melhor, pior*, etc.

Quadro 3

Total de N com /r/ realizado (rádio)	396	85% (de 464)
Total de N com /r/ não realizado (rádio)	68	15% (de 464)
Total de V com /r/ realizado (rádio)	542	85% (de 639)
Total de V com /r/ não realizado (rádio)	97	15% (de 639)
Total de N com /r/ realizado (televisão)	122	98% (de 124)
Total de N com /r/ não realizado (televisão)	2	2% (de 124)
Total de V com /r/ realizado (televisão)	682	91% (de 752)
Total de V com /r/ não realizado (televisão)	70	9% (de 752)

Como se verifica acima, a percentagem de não realização do /r/ é ligeiramente superior nos verbos quando se confrontam os dados da televisão com os da rádio (9% vs. 2%). O que se torna mais evidente no Quadro 3, portanto, é a maior frequência de supressão no discurso da rádio do que no da televisão.

Analisando o segmento inicial da palavra que se segue ao /r/ final, verificou-se que a vibrante tem mais tendência a ser suprimida quando seguida de obstruinte, fricativa ou oclusiva (64% da totalidade dos casos). Vejam-se os seguintes exemplos¹⁴:

- (5) - começa a te[] vários anos (televisão)
 - se calha[] como o senho[] também devia te[] feito na associação (rádio)
 - voltou a sai[] do estúdio (rádio)
 - não estou a dize[] que desaparece, estou a dize[] que é... (rádio)
 - pode se[] para o próxima (televisão)
 - não tiveram capacidade de se[] fiscalizadas (rádio)
 - se queremos dize[] bem do nosso produto (televisão)
 - eu, no luga[] deles, deveria demitir-me (rádio)

A vibrante manifesta também alguma tendência a ser suprimida quando seguida de soante (21% dos casos), como nos exemplos abaixo:

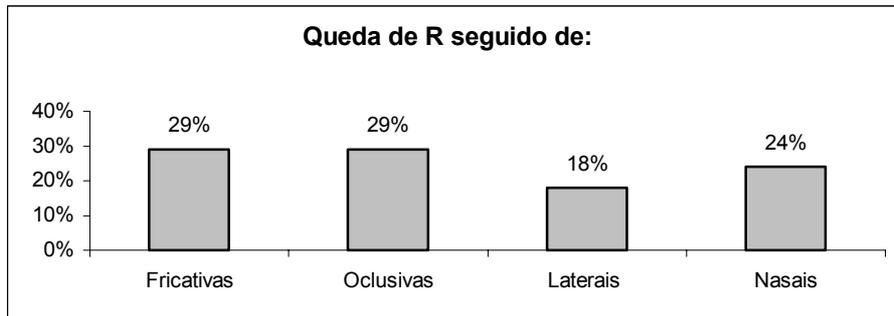
- (6) - a dize[] mal do futebol (televisão)
 - sem joga[] nada, sem joga[] nada.(televisão)
 - prefiro se[] realista (rádio)
 - começaram a passa[], se calha[] no meio disso (televisão)
 - isso vai demora[] muito mais tempo (rádio)
 - se fo[] lá (rádio)
 - para da[] lugares (rádio)

Quando precede vogal ou pausa, o /r/ raramente é suprimido.

¹⁴ A não supressão do [r] está representada por dois parênteses vazios.

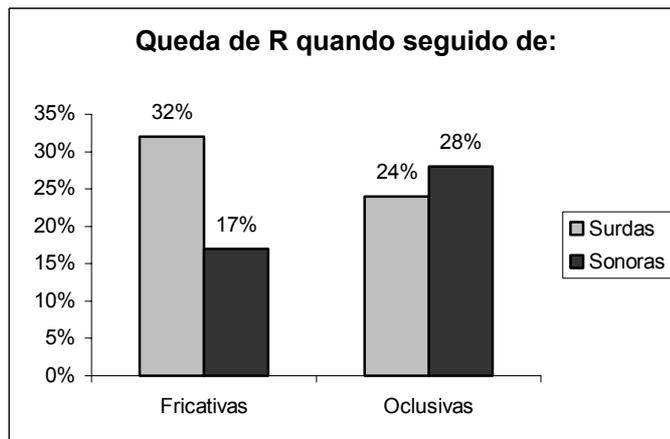
No Quadro 4. estão indicadas as percentagens de supressão em relação ao contexto segmental, distinguindo-se grupos de consoantes.

Quadro 4.



Observando o Quadro 4, verifica-se que, no grupo das obstruintes, as fricativas e as oclusivas condicionam, em igual número de vezes, a realização do /r/ precedente, ao passo que no grupo das soantes, as nasais parece terem mais influência na queda do /r/ do que as laterais. Diversamente, no que respeita ao traço de vozeamento das obstruintes, observa-se uma diferença entre as fricativas e as oclusivas: no caso das fricativas, são as [-vozeadas] que mais contribuem para a queda do /r/, ao passo que com as oclusivas se passa o inverso. Veja-se o quadro seguinte.

Quadro 5



4. Presença versus supressão do /r/ em final de palavra no *Corpus CPE-Var*

O CPE-Var contém dados de fala espontânea de falantes nativos de Lisboa e de Braga¹⁵. O material aqui analisado consiste em cerca de 3500 ocorrências de /r/ final, pertencentes a falantes com perfis sócio-culturais diversificados. Todas as produções foram recolhidas no material de Discurso Informal que corresponde à parte das entrevistas sociolinguísticas que mais se aproxima do vernáculo¹⁶.

A análise realizada levou à conclusão de que a variação registada se deve mais a factores de ordem estrutural/contextual do que a factores sócio-culturais. O primeiro facto que aponta neste sentido é o de a diferença de valores percentuais da queda de /r/ final nas duas cidades, Lisboa e Braga, ser de 2% apenas, havendo em ambas exactamente as mesmas variantes, nos mesmos contextos e, de uma forma geral, em todos os informantes. Essa conclusão é reforçada pelo facto de, discriminados os dados por tipo de informante em cada cidade, os valores percentuais de ocorrência de [r] e de queda serem semelhantes em quase todos os tipos de informante.

A análise demonstrou também que /r/, nestes dados de PE, pode ser realizado como [r] em 63.7% das ocorrências de Lisboa e 60.2% das de Braga, ou ser suprimido em 31.3% das ocorrências de Lisboa e em 33.4% das de Braga. A percentagem de supressão da vibrante é significativa nas duas cidades, mas afigura-se ainda mais importante se se atender aos contextos em que ocorre¹⁷. Com efeito, a queda, dependendo do tipo de segmento que inicia a palavra seguinte, pode atingir valores variáveis entre 10% e cerca de 80% das ocorrências.

O Quadro 6 mostra, por ordem decrescente e com distinção das duas cidades, os contextos à direita de /r/ que mais favorecem a supressão nestes dados.

Quadro 6

Lisboa		Braga	
vibrante	76.9%	obstruinte vozeada	64.9%
obstruinte vozeada	57.4%	lateral	59.2%
obstruinte não-vozeada	53.8%	obstruinte não-vozeada	54.3%
nasal	53%	vibrante	53.8%
lateral	44%	nasal	44.8%
vogal	14.1%	pausa	14.4%
pausa	11.1%	vogal	10.3%

¹⁵ Rodrigues, 2001: 211-223 e 314-316.

¹⁶ O CPE-Var foi recolhido nos anos de 1996 e 1997, no âmbito do projecto do CLUL “Alguns Aspectos da Fonologia do Português num quadro Autossegmental”. A amostra foi transcrita e introduzida numa base de dados concebida para o efeito. Posteriormente, foi efectuada a classificação das ocorrências de /r/ final quanto à variante fonética que possuíam. O CPE-Var tem a seguinte estrutura: Discurso Formal inicial, Leitura de palavras isoladas (apresentadas em fichas separadas), Leitura de Frases, Leitura de Texto e, no fim, Discurso Informal não subordinado a tema específico..

¹⁷ A sílaba com /r/ final é acentuada na maior parte dos casos. Não existe redução da vogal átona das sílabas finais com vibrante nos restantes casos.

Os valores apresentados no Quadro 6 mostram que a presença de consoantes à direita favorece mais a não realização da vibrante do que a presença de vogais ou pausa. Esses valores indicam ainda que as obstruintes vozeadas favorecem mais a queda do que as não vozeadas. No que se refere às consoantes soantes, os resultados são mais diversificados e merecem alguns comentários¹⁸. É interessante notar que os dados das duas cidades apontam no sentido de:

- as obstruintes à direita implicarem valores de queda altos;
- as vogais à direita implicarem valores de queda baixos, mas não nulos (como se poderia esperar em função da possibilidade de ressilabificação do [r] em ataque);
- a existência de pausa implicar valores de queda baixos;
- as consoantes soantes à direita implicarem, de uma forma geral, valores de queda intermédios.

Na tentativa de perceber se existe alguma relação entre a categoria sintáctica e a ocorrência da queda da vibrante neste *corpus*, verificou-se o seguinte: nos dados de Lisboa e de Braga, a percentagem de queda é mais elevada nos verbos do que nos não verbos, como se vê no Quadro 7.

Quadro 7

Verbos com supressão de /r/			
Lisboa	33.5%	Braga	36.3%
Não-Verbos com supressão de /r/			
Lisboa	25.8%	Braga	28.1%

5. Conclusões

Este artigo teve como objectivo discutir a realização ou não realização fonética do /r/ em coda no final de palavra em português europeu. Perante a verificação das percentagens de supressão da vibrante e das condições em que ela ocorre nos dados analisados, reconhecemos a convivência de variantes linguísticas com [r] e sem [r] em PE ainda que não possamos afirmar, de modo peremptório, que estamos perante uma mudança em curso no português europeu¹⁹. A existência de supressão não indica por si só que a mudança venha a ocorrer. Poderá tratar-se de variação razoavelmente estável, verificada em certos registos da língua oral, apesar de a elisão ser propiciada por diversos factores estruturais, contextuais e sócio-culturais, um dos quais é o de a elisão resultar na simplificação da estrutura silábica foneticamente pelo desaparecimento da coda dando, portanto, ocasião a um aumento numérico de sílabas canónicas CV. A

¹⁸ A elevada percentagem de não realização antes de obstruinte vozeada registada em Braga deve-se sobretudo ao facto de, na amostra recolhida, a expressão muito frequente “quer dizer” apresentar 109 vezes a queda em 140 ocorrências (em Lisboa a mesma expressão não ocorreu tão frequentemente).

¹⁹ Veja-se, no entanto, a seguinte afirmação: “A convivência de variantes numa comunidade linguística constitui um indicador de mudanças em curso” (Marquilha, 1996, p. 586, na linha de Labov 1972).

análise de dados efectuada permite-nos concluir que os seguintes aspectos condicionam a maior ou menor frequência da supressão da vibrante em português europeu:

1. Factores estritamente contextuais (percentagem mais elevada quando a vibrante precede determinada classe de consoantes, cf. Quadros 4-6).
2. - Tipo de registo (percentagem mais elevada de supressão no *corpus* CPE-Var do que no *corpus* REDIP).
3. Categoria sintáctica da palavra (percentagem mais elevada de supressão nos verbos do que nos nomes, cf. Quadro 3 e 7).
4. Factores sócio-culturais (conclusões apresentadas na análise do *corpus* CPE-Var).

A diferença percentual da elisão registada nos dois *corpora* estudados (cerca de 15% mais elevada no CPE-Var do que no REDIP) evidencia o facto de o discurso informal obtido na entrevista sociolinguística (*corpus* CPE-Var) ser menos controlado – e por isso mais espontâneo – do que o que se pode obter noutras situações discursivas como programas de rádio ou televisão (*corpus* REDIP). A menor espontaneidade é consequência de factores como a presença de terceiros, a consciência dos objectivos de difusão pública ou a captação da imagem do informante por uma câmara. Pode afirmar-se que existe uma escala crescente do grau de formalidade em que a entrevista sociolinguística exhibe a maior espontaneidade, aumentando a formalidade do discurso na rádio e seguindo-se-lhe a prestação televisiva. Os resultados obtidos a partir das análises apresentadas sugerem que se prossiga nesta investigação estendendo a amostra a diferentes tipos de *corpora* da língua oral, e que se analisem outros factores que podem influir na supressão da vibrante (nomeadamente, os factores prosódicos).

Referências

- Booij, Gert (1997) Non-Derivational Phonology meets Lexical Phonology. In Roca, I. (ed.) (1997) *Derivations and constraints in Phonology*. New York: Oxford University Press Inc., pp. 261-288.
- Callou, Dinah, Yonne Leite e João Moraes (2002) Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil (1998). In Abaurre, M. B. e A. C. S. Rodrigues (orgs.) *Gramática do Português Falado VIII*, Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 537-555.
- Freitas, Maria João (1997) *Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Hoyos-Andrade, Rafael Eugenio (2002) Las vibrantes en el portugués brasileño: caracterización fonético-fonológica. *La Linguistique*, vol. 38, fasc. 2: pp. 53-69.
- Labov, William (1972): *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.

- Marquilhas, Rita (1996) Mudança Linguística, In Faria et al. (org.) 1996: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa: pp. 563-588.
- Mateus, Maria Helena e Ernesto d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Paradis, Carole e Prunet J-F. (eds.) (1991) The Special Status of Coronals - Internal and External Evidence, *Phonetics and Phonology 2*, New York: Academic Press.
- Paradis, Carole e Darlene LaCharité (eds.) (1993) Constraint-based Theories in Multilinear Phonology, *The Canadian Journal of Linguistics*, 38.
- Ramilo, Maria Celeste e Tiago Freitas (2001) Transcrição Ortográfica de Textos Oraís: Problemas e Perspectivas. *Actas do Encontro Comemorativo do 25º Aniversário do CLUP*, Porto: CLUP, vol. 2, pp. 55-67.
- Roca, Iggy (ed.) (1997) *Derivations and Constraints in Phonology*. New York: Oxford University Press Inc.
- Rodrigues, Celeste (2001) *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa (no prelo, FCT/FCG).
- Sherrard, Nicholas (1997) Questions of Priorities: An Introductory Overview of Optimality Theory in Phonology. In Roca, Iggy (ed.) (1997) *Derivations and constraints in Phonology*. New York: Oxford University Press Inc.: pp. 43-90.
- Yip, M. (1991) Coronals, Consonant Clusters, and the Coda Condition. In Paradis, C. e J.-F., Prunet (eds.) *The Special Status of Coronals - Internal and External Evidence*, *Phonetics and Phonology 2*, New York: Academic Press: pp. 61-78.
-